

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER  
NORMAL SUPERIOR**

**TÂNIA MARIA DOS SANTOS**

**MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MODALIDADE CRECHE**

Rio de Janeiro

2012

**TÂNIA MARIA DOS SANTOS**

**MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MODALIDADE CRECHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

**Orientadora:** Profa. Beatriz J. Medeiros

Rio de Janeiro

2012

Sa596m Santos, Tânia Maria dos

Matemática na Educação Infantil- Modalidade creche / Tânia Maria dos Santos. –  
Rio de Janeiro: ISEPS, 2012.–  
35 p. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de  
Educação Pró-Saber, 2012.

Orientador: Profa. Beatriz J. Moreira

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil. 4. Creche.  
5. Matemática. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de  
Educação Pró-Saber.

CDD 372

**TÂNIA MARIA DOS SANTOS**

**MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MODALIDADE CRECHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em novembro de 2012.

**EXAMINADORES**

---

Profa. Dra. Fulana de Tal  
Orientadora

---

Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

---

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

## LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012.

**TÂNIA MARIA DOS SANTOS**

Dedico este trabalho a minha mãe que é a pessoa mais importante e especial da minha vida, por ter me dado tanto carinho, amor e que me educou para ser a pessoa que sou hoje.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo caminho que trilhei, com saúde, de cabeça erguida, não me abatendo diante das dificuldades, nem me acomodando ou sendo passiva, agradeço principalmente por ser uma pessoa perseverante.

Meus agradecimentos também ao ISEPS, pela oportunidade de me aprofundar no universo da educação infantil e de conviver com todos os professores e funcionários que muito me ajudaram nessa trajetória.

Agradeço também a todos os amigos da turma 2010 que, direta ou indiretamente, conviveram comigo e me escutaram nos momentos difíceis e alegres.

"Sempre me pareceu estranho que todos aqueles que estudam seriamente esta ciência acabam tomados de uma espécie de paixão pela mesma. Em verdade, o que proporciona o máximo de prazer não é o conhecimento e sim a aprendizagem, não é a posse, mas a aquisição, não é a presença, mas o ato de atingir a meta."

Carl Friedrich Gauss

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da matemática na Educação infantil. A escolha desse tema se deu pelo interesse de vivenciar na prática a construção do conhecimento da matemática pela criança, e, principalmente, adequado à realidade da creche, pois a matemática, além de fazer parte de uma determinada área do conhecimento, está presente em todos os conteúdos. Foi realizada uma pesquisa de campo com a turma de maternal II (três a quatro anos) e os dados levantados foram analisados com base no estudo dos teóricos que escreveram sobre o assunto.

**Palavras-chave:** Educação. Educação Infantil. Creche. Matemática. Professor.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 HISTÓRIA DA CRECHE NO BRASIL (CENÁRIO SOCIAL E POLÍTICO)</b>	<b>14</b>
<b>2 INGRESSO NA ÁREA DE EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	<b>17</b>
<b>3 COLOCANDO FOCO NO OLHAR</b>	<b>21</b>
<b>4 O PAPEL DO PROFESSOR MEDIADOR</b>	<b>29</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

O mundo em que vivemos é rodeado pela matemática. Se pararmos para pensar o tempo, as horas, os minutos e os segundos passam, os meses, as estações do ano se modificam, o mundo muda, ficamos mais velhos e os filhos crescem.

Toda ação que fazemos está relacionada com a matemática, quando acordamos olhamos logo para o relógio e começamos a correr, pois precisamos chegar a algum lugar em uma determinada hora, usamos o elevador marcando o andar desejado, usamos escada ou simplesmente andamos usando conceitos espaciais, passamos pelas ruas e vemos sinais representados por figuras geométricas, usamos o dinheiro para pagarmos o ônibus, metrô, táxi ou a vaga para colocarmos o carro, almoçamos certa quantidade de alimentos distinguindo pesado/leve, quente/frio. Se venta, chove ou faz sol, alguém fez essa previsão do tempo através de tabelas e mapas, portanto, há uma infinidade de informações que se expressam na linguagem matemática.

A criança está nesse contexto com os pais, irmãos, amigos, está aprendendo muito em qualquer situação, e quando chega à creche/escola traz todo esse conhecimento de mundo que deve ser observado pelo educador.

A escolha desse tema se deu a partir de algumas vivências em sala de aula e da curiosidade em saber como se constrói o conhecimento matemático na creche e como podemos ampliá-lo de maneira prazerosa e estimuladora.

O objetivo deste trabalho é estudar os autores que se aprofundaram neste segmento que é a Educação Infantil, como também observar as crianças do maternal II, buscando entender como se dá o desenvolvimento lógico-matemático nessa faixa etária e quais são as práticas culturais presentes nesse cotidiano.

A ideia de escrever sobre esse tema veio de repente. A princípio pensei em outro tema, que me identifico muito, que é a música, porém a matemática está presente em todos os temas como: literatura, natureza, linguagem oral etc., e assim que me resolvi por ele, me deparei com várias questões, como por exemplo: como foi que eu aprendi matemática? O que eu lembrava do que estudei na infância?

Foi então que comecei a fazer um mergulho na minha infância, prática que aprendi no Pró-saber, para entender o que eu queria saber exatamente.

A minha primeira experiência em escola foi em um colégio de freiras. Eu tinha mais ou menos quatro anos, não lembro bem a idade. Lá, nós aprendíamos através da coerção. Era uma escola de modelo autoritário e tínhamos que obedecer e calar. Pelo que me lembro, era uma classe única, com crianças de várias idades. Nesse tempo ainda não havia muitas escolas da infância, a maioria era do fundamental em diante. E, essa escola que eu freqüentei era dentro de uma igreja (Igreja de Santo Antonio), no bairro do Caju, no Rio de Janeiro. Nessa escola fui muito humilhada, pois como sou canhota, as freiras não me aceitavam e me forçavam a escrever com a mão direita, e por não conseguir, chorava muito.

Depois dessa experiência lamentável é que realmente iniciei minha vida escolar na Escola Municipal Marechal Mascarenhas de Moraes. que ficava próximo a minha casa. Nessa escola, tive experiências maravilhosas! Lembro-me bem de que minha memória visual era muito boa e, certo dia, a professora pediu para que eu olhasse um cartaz e, em seguida, falasse cada item que constava nele. Essa experiência simples marcou muito a minha vida, pois até hoje me lembro da xícara de café que havia no cartaz.

Embora tenha estudado em uma escola baseada na concepção autoritária, sempre me senti bem à vontade com a matemática, pois tenho muita facilidade em resolver problemas e adoro desafios. Portanto a matemática foi uma aliada em toda a minha vida escolar; sempre obtive notas boas e me sinto confortável para fazer este trabalho voltado para a aprendizagem dessa área do conhecimento com a educação infantil.

No primeiro capítulo, faço um breve histórico da creche no Brasil, nas décadas de 1970, 1980 e 1990, quando o contexto social e político passavam por mudanças e a criança passou a ter os seus direitos garantidos por lei.

No segundo capítulo, faço um relato do meu ingresso como profissional de Educação infantil, através de concurso e da minha busca por melhorar o meu fazer pedagógico, da entrada no ISEPS e de como comecei a pesquisa para a elaboração desse trabalho monográfico.

No terceiro capítulo, já tendo ingressado no ISEPS, faço um mergulho na prática, em tudo que ouvi, observei e vi e como, aos poucos, o meu olhar foi mudando.

No quarto capítulo, começo com o que nós, os professores, esperamos da Educação infantil, de acordo com o que é necessário para o desenvolvimento da criança e do comprometimento de todos os envolvidos, e como podemos colaborar para que ocorra o aprendizado num ambiente propício.

Por fim, as considerações finais trazem a reflexão sobre a pesquisa e as minhas opiniões diante do que estudei e analisei.

## 1 HISTÓRIA DA CRECHE NO BRASIL (CENÁRIO SOCIAL E POLÍTICO)

A educação infantil, na modalidade creche, teve sua origem intensificada com base na necessidade da mulher em ocupar o mercado de trabalho, pois com a Revolução industrial e o aumento das Fábricas uma nova organização social e política foi traçada e a mulher saiu do seu lar para cumprir uma nova função como operária.

Inicialmente, é importante considerarmos que, no Brasil, a educação infantil percorreu um longo caminho, o qual, em certos momentos, vinculou-se à saúde em seus pressupostos higienistas; em outros, à caridade e ao amparo a pobreza e, em outros ainda, à educação. Nessa trajetória, toda a política de educação infantil emanada do poder público se caracterizou, de um lado, por um jogo “de empurra” e, de outro, uma visão acintosamente assistencialista (HORN, 2004, p. 13)

As lutas sociais da década de 70 marcaram esse período, em que a população se mobilizava pelo direito e acesso a creches.

O contexto econômico e político das décadas de 70 e 80 abrigou movimentos operários e feministas em curso no quadro da luta pela democratização do país e do combate às desigualdades sociais, então gritantes. No processo de abertura política que marcou o final do regime militar, a fim de dar vazão às tensões sociais latentes no país, foram adotadas medidas para ampliar o acesso da população mais pobre à escola (pré, primeiro e segundo grau) e sua permanência nela, garantindo a ocorrência de aprendizados básicos. (OLIVEIRA, 2005, p, 112).

Essa década foi marcada por uma ditadura militar, passou pelo movimento pela anistia, arrocho salarial, inflação alta e:

Enquanto isso, nos grandes centros urbanos, os baixos salários e a falta de extensão de serviços de infra-estrutura urbana para atender às necessidades sociais agravam a questão da creche. Sua reivindicação por parte de amplas parcelas da população de mães, que precisam trabalhar fora do lar em busca da subsistência da família, intensificou-se no final da década de 70 e adquiriu conotações novas, com o abandono da postura de aceitação do paternalismo estatal ou empresarial e a exigência da creche como um direito do trabalhador e dever do estado. (OLIVEIRA, 2005, p,113)

Até a década de 80, então, a Educação Infantil, na modalidade creche, que existia pertencia à Secretária Municipal de Desenvolvimento Social SMDS) e a maior preocupação era o cuidado, com um caráter de assistência à saúde e à preservação da vida, não se relacionando com o fator educacional.

Como consequência da própria trajetória histórica da educação infantil, diferentes momentos emergiram nas propostas de trabalho desenvolvidas nas instituições de educação infantil no Brasil. A produção científica foi largamente ampliada, e as pesquisas sobre a infância, em suas diferentes dimensões, influenciaram muito o referencial pedagógico para essa etapa de ensino. (HORN, 2004, p. 13)

Efetivamente, com a promulgação da Constituição de 1988, as crianças passam a ser consideradas sujeitos de direito e, a partir da década de 90, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 e a Lei das Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, houve uma preocupação pedagógica maior e a creche passou a ser vista como espaço de cuidar e de educar, através da integração dos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, pois a criança é considerada um ser completo, total e indivisível. A Educação Infantil, ou seja as creches e as pré-escolas, foi reconhecida como primeira etapa da Educação básica e passaram a ser responsabilidade das Secretarias Municipais de Educação (SME). No Rio de Janeiro, essa passagem só foi realizada em 1999.

Crianças são seres íntegros, aprendem a ser e conviver com os demais e com o ambiente. Para isso é preciso atividades intencionais, estruturadas, espontâneas e livres, com a interação de diversas áreas de conhecimento: linguagem, matemática, ciências sociais e da natureza, música, movimento e arte. Dessas áreas de conhecimento destaco a Matemática que se faz presente na vida do ser humano desde muito cedo.

Quando o bebê é amamentado de três em três horas, ele pode vivenciar determinados intervalos de tempo; quando estranha pessoas que não pertencem a sua família, está procedendo a uma classificação. Ao começar a brincar com outras crianças, demonstra ter noção de quantidade quando pega para si a maior porção de peças de um determinado brinquedo, o repertório de estratégias, no que se refere à resolução de operações, notações numéricas e comunicação, etc. (REVISTA DO PROFESSOR, 2008)

Segundo o Referencial Curricular Nacional (1998), a instituição de educação infantil possui condições extremamente favoráveis para propiciar a exploração de situações-problema, que devem ser criteriosamente planejadas, a fim de que estejam contextualizadas, remetendo a conhecimentos prévios das crianças e possibilitando a ampliação de seu repertório de estratégias, no que se refere à resolução de operações, notações numéricas, formas de representação e comunicação, etc.

Segundo Piaget, os conhecimentos necessários para se construir o conceito de números, são os seguintes: conhecimento físico, conhecimento lógico-matemático e conhecimento social.

O primeiro diz respeito ao conhecimento de propriedades físicas que estão nos objetos na realidade externa, como peso, tamanho, cor, forma, características essas que podem ser notadas a partir da observação direta de um objeto. O conhecimento social está relacionado às convenções estabelecidas pelas pessoas, de forma arbitrária e que são socialmente transmitidas, de geração em geração. Como exemplos pode-se citar: as datas comemorativas, o nome dado às coisas e objetos. E por fim o conhecimento lógico-matemático que se diferencia dos outros por não poder ser ensinado e só estruturado pela ação reflexiva a partir da manipulação dos objetos. Desse modo, o conhecimento lógico-matemático vai além da percepção dos objetos, pois permite que uma pessoa estabeleça relações mentais entre eles, tais como: a comparação, a correspondência, a conservação, a classificação, a inclusão hierárquica, a sequenciação e seriação. O número faz parte do conhecimento matemático. Faz-se necessário que a criança pegue, junte, separe, aperte, amasse objetos a fim de chegar aos conceitos e ações próprias do conhecimento-matemático. Manipulando objetos serão trabalhados os setes esquemas mentais básicos para aprendizagem matemática: classificação, comparação, conservação, correspondência, inclusão, sequenciação e seriação (ou ordenação). (BRASIL ESCOLA, nov., 2012).

Na creche, a criança poderá vivenciar todas as experiências para a aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento da matemática, num ambiente propício e acolhedor para as suas expectativas.

## 2 INGRESSO NA ÁREA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando, em 2007, fiz o concurso para trabalhar nas creches municipais, não sabia o tamanho do problema que iria enfrentar, pois o que constava no Edital, ou seja, as atribuições e as nossas responsabilidades, parecia bem claro. Em 2008, tomei posse e foi aí que comecei a entender que nem sempre vale o que está escrito. Eu seia auxiliar de quem? Na minha turma Maternal I, com 25 crianças de três anos, havia as recreadoras e nem todas tinham formação. O que se via era o caos: pais insatisfeitos, crianças rebeldes e desorganização quanto às informações que nos passavam. Recém-chegada ao Município, não podia fazer muita coisa. Pedi ajuda à professora articuladora, pois não sabia o que fazer, como lidar e ampliar esse universo que estava presente na vida social e cultural das crianças. Estava literalmente perdida!

Pretendia também entender como se dava o pensamento da criança sobre todas as áreas do conhecimento; como e quando intervir; o que deveriam aprender em cada fase; quais eram as suas prioridades, pois naquele ano ainda não tínhamos um currículo - conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico de modo a promover o desenvolvimento integral de criança de 0 a 5 anos de idade.

Em reuniões com os outros colegas, que chegaram junto comigo, combinamos em procurar um advogado, para saber dos nossos reais direitos. Nos encontros mensais com a direção, não conseguimos muita coisa, pois esta não estava gostando nada de receber servidores ao invés de funcionários de Organizações não governamentais (ONGs), nos quais ela mandava e desmandava. As recreadoras, por exemplo, exerciam dupla função e não reclamavam, caso contrário, seriam “descartadas”.

Com o passar do tempo, as recreadoras foram embora e chegaram mais servidores. Foi a partir daí que as coisas foram mudando. Claro que não fizemos tudo sozinhos, pois temos uma comunidade bem unida e “juntos somos fortes”. Começamos a nos informar sobre nossos direitos e os das crianças, que são o nosso universo, sobre os espaços da creche, que, até

então, eram satisfatórios. Tínhamos 02 parquinhos, 01 multimídia, 01 solário e 06 salas. Mas, algo não ia muito bem, pois as crianças não tinham acesso livre aos brinquedos na sala multimídia e aos livros, que ficavam em prateleiras bem altas. E, o que se via, disponíveis nas salas, onde elas passavam a maior parte do tempo, eram livros rasgados, revistas e brinquedos velhos e quebrados. Passamos o ano de 2008 em meio a esse cenário.

Em 2009, começamos a cobrar da direção uma prestação de contas da verba que a instituição recebia e que nós assinávamos sem sabermos, ao certo, o que estava sendo comprado. Uma vez nos reunimos e deixamos de assinar o que não víamos ser adquirido.

Nesse ano, houve eleição para o Conselho Escola Comunidade (CEC), e eu me candidatei para representar os funcionários. Ganhei as eleições e, a partir daí, comecei a me informar sobre o funcionamento de toda a parte administrativa da creche. Mais uma vez, a direção não gostou muito e numa das reuniões, insinuou que eu estava trazendo informações antecipadas, sem que essas tivessem saído no Diário Oficial. Ficou claro, no entanto, que ela estava errada e simplesmente continuava desorganizada.

Ainda neste ano, o Prefeito resolveu aumentar o número de crianças na creche, pois eram metas de campanha. A nossa sala multimídia foi dividida em 02 salas de aula e o parquinho passou a ser uma multimídia improvisada. Até hoje, essa área não foi organizada como um espaço digno para as crianças. Durante esse tempo todo, a professora articuladora nos dava o planejamento, com atividades e sugestões e éramos nós que executávamos todo o trabalho, com a obrigação de fazer o mural, de 15 em 15 dias, e de entregar o planejamento por escrito.

As coisas foram mudando e a cada ano entrava um articuladora diferente. Houve eleições para a direção, mas tudo continuou do mesmo jeito. A diferença é que já sabíamos dos nossos direitos e buscávamos maiores esclarecimentos junto à direção.

Em 2010, a prefeitura enviou a todas as creches, as Orientações Curriculares para a Educação Infantil, e com base no que estava descrito, começamos a fazer alguns encaminhamentos ainda muito tímidos. E, apenas, em 2011, já com algum conhecimento, após ter ingressado no Instituto

Superior de Educação Pró-saber (ISEPS) é que passei a me inteirar desse universo com mais firmeza.

Entretanto, observei que alguns educadores não percebiam a importância desse e dos outros conteúdos, como também não tinham muita prática em atividades que estimulassem as crianças em suas experiências e situações do dia-a-dia. Porém, Ministério de Educação (MEC), através da Prefeitura, ofereceu o Proinfantil (curso em nível médio, à distância, na modalidade normal) que destinava-se aos profissionais que atuavam em sala de aula, nas creches e pré-escolas das redes públicas - municipais e estaduais – e da rede privada, sem fins lucrativos como as comunitárias, filantrópicas ou confessionais – conveniadas ou não e que não tinham a formação específica para o magistério.

Assim que entrei no ISEPS, muito me incomodou a exigência da escrita. Houve muita resistência e foi muito difícil colocar no papel a minha reflexão. Cada registro que eu concluía era uma vitória! O que mais me deixava aflita era ter que fazer registro de todas as aulas e com pouco tempo para concluí-las. Foram dias de intensa angústia e, muitas vezes, não conseguia terminar da maneira que queria, pois tentava ser muito perfeccionista. No entanto, as devoluções dos professores, na maioria das vezes, foram satisfatórias.

O que mudou em mim, nessa prática de reflexão sobre o que aprendi, foi o fato de escrever sobre o que observo, pois foi algo que ficou e que a qualquer momento poderei rever.

Na sala de aula, não pude logo colocar em prática, por vários motivos, o que vinha aprendendo: trabalhava sem o professor e nós, os auxiliares, é que fazíamos tudo, cuidando e educando. Eram oito horas ininterruptas e os colegas de sala achavam que deveriam só cuidar, não liam para as crianças, não faziam a roda de conversa, a chamada, etc.

Em meados de 2011, as concursadas para assumir a função de Professor de Educação Infantil (PEI) chegaram e a partir daí me “retirei” de cena. Comecei a observar o trabalho feito pela professora que assumiu a turma em que estava. Muito embora ela me desse abertura para participar do planejamento, eu não interferia muito e me limitava a observar. Porém, nesse ano (2011), ainda não fazia os registros no caderno, mas fotografava as minhas observações. Passei a escrever somente em 2012, quando o horário foi

reduzido. Logo que consegui definir o tema da minha monografia, pude mergulhar na pesquisa e como o foco agora era diferente, passei a observar e registrar as situações do cotidiano que se ligavam ao ensino/aprendizagem da matemática.

Até então, não havia percebido que, na maioria das situações, há matemática. Ao iniciar o dia com a chamada, na leitura da história, na ida e volta do parquinho, no solário, refeitório, oficina pedagógica, banho, enfim, em todos esses momentos, a matemática está acontecendo e só um observador, com um olhar e uma escuta atentos, poderá percebê-los.

Quanto à rotina da creche e dentro da sala, tenho total independência para fazer as atividades com as crianças, e, só faço o mural, quando posso fazer sem obrigação. Como gosto muito de criar, faço isso sempre. E, reconheço, que atualmente, temos um relacionamento bem melhor com a direção e conseguimos resolver os problemas satisfatoriamente.

A creche continua com sérios problemas, mas a direção, dentro do possível, está resolvendo. 200 crianças são atendidas na faixa etária de seis meses a três anos e 11 meses, em quatro turmas de berçário e quatro turmas de maternal. Acredito que o mais importante é que o desenvolvimento integral das crianças seja garantido.

### 3 COLOCANDO FOCO NO OLHAR

Quando comecei a pensar no tema da monografia fiquei imaginando o que fazer para trabalhar com as crianças, em sala de aula, com a matemática. Ainda não entendia ou não tinha consciência de que a matemática estava em todos os momentos e que, quando a criança chega à creche, ela já vem com bastante conteúdo vivido com a família. Segundo Oliveira (2005, p. 236):

A criança desde pequena pode desenvolver medos de observar o mundo pela apropriação de certos conceitos e habilidades. Tal aprendizado ocorre pela exploração individual ativa e pelo trabalho em grupo, quando as crianças confrontam seus significados e hipóteses. Como nasce em um ambiente que elaborou sistemas como forma de atuar sobre o mundo, a criança, desde cedo, é posta para trabalhar com noções de quantidade nas interações estabelecidas com seus parceiros, as quais, por exemplo, a ajudam a distinguir entre muito e pouco. Ela, além disso, logo reconhece numerais nos canais de TV, no painel do elevador, no resultado de um jogo esportivo. Depois, utiliza-se deles para orientar-se nas situações.

No decorrer das aulas da professora Beatriz Cardoso, no quinto semestre do curso de formação, meu campo de visão se abriu e pude começar a observar toda a rotina e a compreender que a matemática perpassava por todos os conteúdos e situações vividas na creche. Como afirma Barbosa (2006, p. 35):

Rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil. As denominações dadas à rotina são diversas: horários, emprego do tempo, sequência de ações, trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, etc.

Na creche em que trabalho, a entrada é às 07h30min. Desde o início do ano (2012), fomos construindo uma rotina com as crianças. Quando elas chegam, são recebidas com beijos e abraços e, em seguida, retiram da mochila a agenda, a calcinha ou a cueca, a toalha; retiram o sapato; colocam no saco; penduram e procuram o chinelo que fica arrumado por elas mesmas, num canto da sala. Seguir essa sequência não foi nada fácil, pois, no início, elas jogavam os chinelos de qualquer jeito.

Foi aos poucos que, conversando com elas na roda, explicamos a importância de organizarmos a nossa sala. Dissemos ainda que, após usarmos algum material, deveríamos guardá-lo e que os chinelos também deveriam ficar

organizados, para podermos saber onde estavam, quando precisássemos usar. A princípio, algumas crianças resolveram organizar e o fizeram em forma de círculo. Porém, o acordo era de que cada uma colocasse o seu chinelo no lugar indicado. Essa conversa virou um combinado, que colocamos na parede, e, por várias vezes, quando alguma criança não cumpria o que havíamos conversado, um amigo ia até o cartaz e mostrava.

Fig. 1 - A criança está arrumando os chinelos por pares, (classificando) e depois organizou em forma circular



Fonte: Acervo da autora

Ao fazer a chamada todos os dias, priorizamos, no início do ano, o conhecimento da escrita de cada nome e da forma. Observei que, no começo, as crianças ficavam inseguras e quando mostrávamos o nome, algumas sempre levantavam a mão, porém outras não sabiam mesmo o nome. Aos poucos, esse momento foi sendo interiorizado e se tornando menos tenso, ocorrendo inclusive momentos de descontração, pois, quando o amigo estava disperso, eles o chamavam: “é o seu nome!”

A construção da identidade e da autonomia diz respeito ao conhecimento, desenvolvimento e uso dos recursos pessoais para fazer frente às diferentes situações da vida. A identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir, de pensar e da história pessoal (RCNEI, 1998).

Nessa atividade, depois de já estarem familiarizados com os nomes, começamos a fazer alguns encaminhamentos interessantes como: cada um que fosse chamado colocava o seu nome no centro, em fileiras diferente; uma de menino, outra de menina e uma para que nós professores colocássemos os

nomes dos que faltaram. Certo dia, um menino ao observar as fileiras falou: “acabou o nome de menino!” Em outro momento, ele pediu para o amigo: “coloca em cima.” A chamada é uma atividade em que podemos trabalhar várias noções matemáticas como: em cima, embaixo, tamanho do nome (maior, menor), quantidade etc.

A sequência da rotina é a contação ou leitura de história, que fazemos todos os dias, dentro do projeto que foi proposto no início do ano, chamado “A literatura invade a creche”. A professora Márcia lê para a turma sempre no mesmo estilo, o que é muito importante, pois ela faz algumas entonações, mostra o texto e escuta tudo o que as crianças falam, para que seja contraposto, na segunda feira, que é o meu dia. Procuo fazer a contação usando vários objetos como: lençóis, TNT (Segundo a Wikipedia (2012) Tecido Não Tecido, é um tecido classificado como um não tecido, um tecido técnico), flauta, violão, lata, papel celofane, cabo de vassoura etc, e busco também não ler. No dia anterior, estudo o texto e, na sala, faço a minha interpretação, para diversificar esse momento.

Ao término da história, sempre fazemos as perguntas sobre os personagens, o ambiente, quantidade de pessoas, animais, o que aconteceu primeiro, enfim, qual foi a sequência que dos acontecimentos da história. As crianças podem interromper a todo o momento com questões.

As histórias infantis, dentre os diversos recursos que podem ser utilizados pelo professor no sentido de tornar a aula de matemática mais agradável e estimulante são fontes de inúmeros desafios, apresentando situações-problema correlacionadas com o mundo infantil e que irão permitir à criança desenvolver a capacidade de analisar, formular hipóteses, questões, deduzir, refletir. (BISSOLI, 2005, p. 7).

No momento da música, existem vários encaminhamentos e após ter ampliado o meu conhecimento, com várias cantigas que aprendi no Pró-saber com a professora Elza, passei a observar o que as crianças traziam do seu mundo vivido com a família.

Quando elas ainda tinham entre dois e três anos, traziam músicas infantis que as mães cantavam para elas, e sempre fiz questão de ressaltar a importância desse ato, isto é, do que mostravam que sabiam. E, esse universo de músicas infantis, pode ser explorado de diversas formas, inclusive para trabalhar noções da matemática. Algumas músicas já contém uma sequência

numérica, das quais as crianças ainda não possuem o entendimento, mas que afinal é conhecimento.

Quando estamos cantando, algumas vão mostrando os dedos, fazem gestos de acordo com o ritmo, batem palmas, fazem caretas, sorriem, gritam (é o que mais gostam de fazer) brincam e brigam com os amigos. A importância da música na matemática é tão real, que não há como ficar cristalizado, todos se movimentam de alguma forma.

Toda segunda-feira, faço uma roda de música com as crianças. Esse é um momento de atividade dirigida. Certo dia, antes de começar, fiz alguns desenhos no chão e pedi também que elas fizessem os seus desenhos, a partir de suas lembranças e propus também que, cada uma cantasse uma música, que não poderia ser repetida. Todos concordaram, mas, durante a execução, alguns tentaram repetir ou não se lembravam de uma música diferente. O que achei mais interessante foi que trouxeram alguns temas de novelas e poucos se lembraram das músicas que cantamos na creche. Achei interessante e ao mesmo tempo, fiquei tentando entender o por quê.

Fig. 2 - Roda de música com as crianças



Fonte: acervo da autora

Em nossa turma, há algumas crianças que tem uma memória magnífica e observei que lembraram algumas músicas que há muito não cantávamos. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (RIO DE JANEIRO, 2010).

A matemática pode ser usada em todas as áreas de conhecimento. É importante que o educador tenha claro como o desenvolvimento lógico-matemático se desenvolve na faixa etária das crianças da Educação Infantil e quais são as práticas culturais presentes no cotidiano das crianças com quem trabalha.

A música pode ser trabalhada de várias maneiras com perguntas e observações, nas quais as noções de matemática estarão presentes. Segundo Kami (1999) “o professor deve ser cuidadoso para não insistir que a criança dê resposta correta a todo custo. Estas perguntas devem ser feitas casualmente para encorajar as crianças a pensar numericamente se isso lhes interessar.”

Assim que começamos a colocar o calendário na rotina houve um movimento bem interessante. Na roda, tivemos uma primeira conversa e em seguida, partimos para a produção do primeiro calendário. Todos os que vieram a seguir, foram feitos com a ajuda delas, que, mesmo sem entender bem o que significavam, se interessaram em confeccionar.

Fiquei muito feliz, quando uma criança veio me mostrar na agenda: “Olha aqui, Tânia, o calendário!” Achei interessante, porque o que ele me mostrou foi o local em que anotamos as refeições e que é no mesmo formato do calendário. A fala dessa criança marcou o meu dia, pois dali em diante, ela se tornou bem interessada no calendário. Segundo pesquisa de Bissoli (1997, p. 5) sobre Piaget:

Crianças de um ano começam a conhecer objetos singulares; de dois anos, pares de objetos; de três anos, coleções triplas e assim por diante, Já na idade de quatro anos e meio a cinco anos, as crianças gostam de contar objetos de pequenas coleções, porque viram alguém fazendo isso, o que não significa que saibam contar. Desde muito pequenas as crianças gostam de dizer números.

As crianças entendem perfeitamente que, quando marcamos um Xis, é para representar o dia que vamos estar juntos; entendem também o que já passou e o que acontecerá nos próximos dias, (identificação da passagem do tempo), pois fazemos algumas marcações como: os dias que não vamos a creche, os aniversariantes do mês, o dia do brinquedo que eles trazem de casa, o dia da nossa festa etc. Podemos propor também questões como: quantas crianças fazem aniversário esse mês? O calendário é um instrumento importante para organizar a rotina.

Em nossa sala também há uma lista com os nomes para que eles saibam quem será o ajudante do dia, e de acordo com a ordem eles mesmos já

vão dizendo quem será, e quando algum amigo falta eles sabem que o ajudante é o próximo.

Os espaços da creche não favorecem muito a movimentação das crianças, que ao longo desses quatro anos que estou lá se modificou bastante, com isso o nosso deslocamento é para o parquinho, solário, oficina pedagógica e refeitório, porém na creche existem oito turmas em dois andares e todos precisam freqüentar esses espaços. Como afirma Smole (2000):

As crianças estão naturalmente envolvidas em tarefas de exploração do espaço e se beneficiam matemática e psicologicamente de atividades de manipular objetos desse espaço no qual vivem, pois, enquanto se movem sobre ele e interagem com objetos nele contidos, adquirem muitas noções intuitivas que constituirão as bases da sua capacidade espacial.

No início do ano começamos com a fila. Ao entendermos que essa exigência tem como base o modelo autoritário, passamos a deixar que algumas vezes, a criança escolhida para ser o ajudante da turma se encarregasse de levá-la para as refeições, para o parquinho, solário ou oficina pedagógica. Em outras ocasiões, ela escolhia de que maneira os amigos deveriam se deslocar: sozinhos, de dois em dois, menino com menina etc. O encaminhamento é nosso e se necessário, volamos às filas, no sentido de organizar e acalmar a turma, quando, por exemplo, alguns começam a correr, machucando os outros.

Em situações em que pode haver riscos, como em escadas e passeios externos, as filas são justificadas. Porém, no ambiente seguro da creche, elas devem ser evitadas, pois dificultam o sentimento de pertencimento ao espaço escolar. É preciso deixar as crianças livres para explorar o ambiente por conta própria, permitindo que circulem com autonomia. Deve-se ensiná-las a andar com tranquilidade e a respeitar o outro, isto é, não empurrar, olhar quem vem à frente e atrás e ajudar um colega que tropeçou e caiu, por exemplo. E esse aprendizado só ocorre por meio da vivência. (NOVA ESCOLA, 2011)

Muitos banhos foram dados, desde que comecei a trabalhar na creche e, até então, só os considerava como higiene habitual. Não dava importância para nenhum conteúdo, pois esses momentos, como em todos os outros, são bem rápidos. Existe apenas um banheiro para 50 crianças e temos que fazer tudo muito corrido. Não queríamos agir dessa forma, mas precisamos terminar essa atividade, dentro do tempo previsto e, muitas vezes, deixamos de responder a algumas perguntas das crianças, pois a preocupação com o tempo nos redireciona.

Com a turma de maternal II, fica bem mais fácil, pois já sendo bem autônomas, as crianças já conseguem fazer a higiene, sem necessidade de terceiros, mas não podemos deixar de supervisionar.

Em vários momentos, ouvi as meninas falando: “Ficou uma”, “Agora faltam duas”, “Olha Tânia, fiz uma bolinha de sabão transparente!”, “Têm quatro meninas...” Em certos dias, elas contavam as amigas e se excluía, em outras, contavam a mesma criança duas vezes. Kami (1999) afirma que:

Todos os professores de crianças pequenas podem observar a tendência, comum entre elas, de contar objetos saltando alguns, ou de contar o mesmo objeto mais de uma vez. Os “conceitos matemáticos” tradicionais como primeiro-segundo, antes-depois, e a correspondência um-a-um são partes das relações que as crianças criam na vida cotidiana quando são encorajadas a pensar.

Percebi com essa turma, que a escuta e a observação é extremamente importante, por mais que estejamos correndo contra o tempo. A partir dessas falas, tenho feito várias intervenções, colocando vários questionamentos a respeito da matemática sem deixar que o assunto passe despercebido.

Assim como na creche existem os momentos dirigidos, há também os momentos livres e os mais desejados pelas crianças. A alegria é contagiante! Conforme as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (RIO DE JANEIRO, 2010):

A exploração do espaço iniciada desde o berçário então ganha maior intencionalidade nas idades mais avançadas. No trabalho de construção relacionado ao espaço e às formas, as situações devem visar à criação de atividades que proporcionem às crianças o estabelecimento de relações espaciais nos deslocamentos que são realizados no cotidiano em que elas tratem o espaço e sua representação a partir de diferentes pontos de referência, os deslocamentos possíveis, e representação dos objetos, espaços e trajetórias, noções de direção e posição, brincadeiras com o corpo, copiando, espelhando movimentos a partir de um eixo.

São poucos os espaços fora da sala. A creche possui um parquinho com um escorrega, uma casinha e alguns velotrois e é com essa estrutura que as crianças se movimentam ou tentam brincar livremente. Observamos toda tentativa de subir, descer, entrar, sair da casa e percebemos que elas brincam nesse espaço mínimo e se divertem muito.

O momento das brincadeiras livres é esperado com muita ansiedade, pois só há um parquinho, um solário e uma oficina pedagógica para oito turmas e ficam todos no quarto andar, espremidos entre as salas e os corredores.

As brincadeiras também podem ser vistas no solário, único local em que as crianças se sentem realmente livres. Lá também realizamos o banho de mangueira, o banho nos brinquedos e a brincadeira iniciada pelas próprias crianças organizadas em pequenos grupos.

Fig. 3 - crianças brincando no parquinho



Fonte: Acervo da autora

## 4 O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR

Acreditando que a educação infantil é a base para o desenvolvimento integral da criança, as creches, juntamente com a comunidade, elaboram o Projeto Político Pedagógico (documento legal que define a identidade e a missão institucional) e que indica aonde queremos chegar. De acordo com Oliveira (2005, p. 169):

Coletivamente, os profissionais atuantes em creches ou pré-escolas criam pressupostos, acordos e regras básicas que são assumidos e transmitidos por seus integrantes como modos corretos de observar, pensar e sentir em relação ao trabalho desenvolvido e aos problemas criados.

Através do Projeto Político Pedagógico, podemos observar qual é a visão da creche, que caminhos serão percorridos e que metas devem ser alcançadas. Oliveira (2005, p. 169) afirma que:

Construir uma proposta pedagógica implica a opção por uma organização curricular que seja um elemento mediador fundamental da relação entre a realidade cotidiana da criança – as concepções, os valores e os desejos, as necessidades e os conflitos vividos em seu meio próximo – e a realidade social mais ampla com outros conceitos, valores e visões de mundo. Envolve elaborar um discurso que potencialize mudanças, que oriente rotas. Em outras palavras, envolve concretizar um currículo para as crianças.

E, com base no Projeto Político Pedagógico, a equipe da Creche propõe: promover o desenvolvimento pleno do ser humano nas suas diversas competências, nos primeiros anos de vida, na chamada primeira infância; perceber a necessidade de apoiar e incentivar as habilidades e os valores inerentes à criança pequena, respeitando sempre sua individualidade. Tem como missão oportunizar a construção de conhecimentos na formação de um cidadão capaz de desenvolver consciência crítica, oferecendo princípios educacionais básicos.

O objetivo geral é cuidar e educar, numa abordagem construtivista e sóciointeracionista, entendendo a criança como ser humano integral, que interage intensamente com o seu meio social e em constante crescimento e desenvolvimento.

O conhecimento é visto sob uma perspectiva na qual se procura estudar e pesquisar, com as crianças, de forma lúdica e agradável, respeitando as características internas das áreas de conhecimento envolvidas no trabalho.

O professor, além de levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos, propõe desafios, para possam confrontar suas hipóteses espontâneas com hipóteses e conceitos científicos, apropriando-se desses gradativamente. Significa ainda que não se pode limitar suas oportunidades de descoberta, e que é necessário conhecê-las verdadeiramente para proporcionar-lhes experiências de vida ricas e desafiadoras.

Do ponto de vista construtivista, o professor não deve realizar as atividades pelos alunos, mas auxiliá-los a encontrar meios de fazer as coisas a seu modo. Enfim, é deixá-los serem crianças. Em tempo de inclusão nas escolas, mesclam-se muitos métodos e concepções de ensino, para atender essas diferenças. De acordo com Rangel (1992, p. 61)

Uma das questões-chave que sustenta o trabalho pedagógico comprometido com a construção do conhecimento pela própria criança, através de sua atividade (ação-pensamento), é a questão da cooperação. Piaget nos afirma que as operações não são absolutamente ações de um indivíduo isolado, mas presumem necessariamente o intercâmbio, as colaborações entre indivíduos. A formação real da inteligência exige convivência coletiva de pesquisa ativa e experimental e das trocas e discussões em comum. Assim cooperar é bastante diferente de ajudar. Ajudar é fazer pelo outro e neste caso, o outro aprende a ser dependente, a esperar que solucionem por ele os problemas que enfrenta. Enquanto que cooperar é enfrentar solidariamente os problemas, é trocar e construir soluções e novos saberes junto com os outros.

O que se espera de um professor de Educação Infantil na modalidade creche? Por ser uma categoria nova, criada para suprir a demanda exigida pelos profissionais que atuam nas creches desde 2008, esses Professores de Educação Infantil só chegaram às creches em 2011. Até então, a coordenação das turmas era feita por recreadoras ou os agentes auxiliares de creche, que não tinham com quem contar e faziam todo o trabalho (cuidavam e educavam).

Muitos já formados em Pedagogia e Normal Médio e Superior faziam e fazem o melhor do que sabem, embora ainda existam alguns que estão só de passagem.

Hoje a Educação Infantil está no centro de todas as propostas políticas de prefeitos, vereadores, etc. Mais o que de efetivo está sendo feito? Os professores de Educação Infantil, assim como todos os outros dos demais segmentos, necessitam de suporte para trabalhar e não apenas permanecer

em salas lotadas, sem infraestrutura, retomando as décadas passadas e o assistencialismo.

O professor que chega à creche se depara com todo tipo de dificuldades como: falta de pessoal, pais que deixam seus filhos doentes e não comunicam, falta de material pedagógico, etc. Atualmente, há uma flexibilidade no horário da entrada, o que prejudica tanto as crianças, que perdem um momento tão importante, que é o acolhimento na entrada, como os professores, que precisam parar a todo o momento a atividade para receber os “atrasados”. Afinal o que é ser professor? Veloso, (2008, p. 27) observou que:

Para ser professor, fizeram-me acreditar que precisaria de muito pouco, talvez quase nada. Ser alguém esperto, ter imaginação, usar da criatividade, ler alguns livros, responder o que for preciso, saber utilizar a palavra, ouvir quando necessário, calar em momentos determinados, cantar só quando for convidado, não sorrir de coisas bobas, chamar a atenção para manter a disciplina, cumprir o conteúdo, planejar o trivial. Com o passar do tempo, descobri que fui enganado pelo didático. Na caminhada da profissão, tudo o que pensei ter aprendido não passou de ilusão. Lidar com gente não é fácil não. Além de teorias e métodos revolucionários, é preciso mais do que saber. Ensinar não é passar instrução para a criança aprender. Professor tem que ser ator, cantor, mágico, palhaço, artista, malabarista, um pouco de mãe, e às vezes ter jeito pai. Tem que expor emoção, pôr sentimento no que faz, mexer com o coração, ter paciência e compreensão. Pois ser professor, na verdade, é ser gente que constrói não só personalidade. Contribui na formação do caráter, guia nos caminhos da aprendizagem, auxilia na formação do cidadão. Ser professor é mais que uma profissão.

O professor de Educação Infantil, particularmente o que atua na creche, tem o dever de saber que a avaliação se dá através de acompanhamento e registro, sem o objetivo de promoção. Por isso, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (RIO DE JANEIRO, 2010):

Trabalhar com crianças de creche, Pré-escola e EDI (Espaço de Desenvolvimento Infantil) significa ter uma concepção integrada de desenvolvimento e Educação Infantil que dê a mesma importância às ações de cuidado e educação e as mantenham articuladas em rotinas –horários e espaços – demarcados pela necessidade e demandas infantis. A organização cuidadosa do espaço deve ser seguida da observação de seu efeito sobre as interações e o brincar, pela avaliação de sua eficiência em relação aos objetivos pretendidos e, se for o caso, pela realização da modificação adequada, seguida de nova observação e avaliação. Fazer, avaliar e refazer.

Observo, no dia-a-dia, que alguns profissionais desconhecem e não se interessam em conhecer, ouvir, respeitar, dar vez, voz, incentivar ou acolher as sugestões das crianças. Segundo Rangel (1992, p. 60):

As crianças não erram por acaso ou por falta de atenção, quando são deixadas em liberdade para pensar e opinar: há sempre um bom motivo sustentando o erro infantil. Os educadores deveriam estar mais atentos a estes motivos, pois através deles tem-se as pistas de como problematizar a atividade da criança e organizar novas intervenções pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento infantil. O conhecimento lógico-matemático é inventado pela criança, ou seja, é construído passo a passo por ela. É preciso, portanto, saber apelar para a atividade real e espontânea da criança, o que, segundo constata o próprio Piaget, é uma tarefa bastante difícil para o educador. É esta atividade, por um lado orientada e estimulada incessantemente pelo professor e, por outro, assegurando liberdade nas experiências, nas tentativas e até nos erros das crianças, que poderá levá-las a verdadeira conquista da autonomia intelectual.

Buscando colocar na prática a teoria, propus uma atividade de classificação, usando duas caixas de papelão, papel glacê, cola e duas figuras de chinelo e tênis. No dia anterior fizemos a arrumação das caixas; fiz várias perguntas, enquanto íamos colando o papel glacê nas caixas: “quantas caixas havia na sala? Qual a cor poderia colar?” O C. perguntou se as caixas eram iguais. A B. falou: “dois azuis”, A A. disse “azul claro e azul escuro” e assim concluímos a confecção das caixas.

No dia seguinte, após o acolhimento, Márcia leu o livro “A caixa” de Maurício de Souza, para a introdução da atividade. Coloquei as caixas no centro da roda e comecei a fazer perguntas sobre o poderíamos fazer com elas e dei a ideia de guardarmos os tênis e as sandálias. Em seguida, fui chamando um a um e pedi para que olhassem as caixas e colocassem os calçados dentro. Eles foram os tênis em uma e as sandálias na outra, porém alguns colocaram de outra forma e assim foi até o final. Ficaram várias perguntas: Será que as crianças tiveram dúvidas entre sandália e tênis? Ou onde deveriam colocar? Conversei com elas sobre as diferenças entre sandália e tênis, enquanto isso a K. pegou um chinelo que estava fora da roda para mostrar que era da “Hello Kitty” e falou: “igual ao da Thays!”

Entendo que na atual concepção de Educação Infantil espera-se que a criança seja o centro do processo educativo e não um sujeito passivo. Para que isso ocorra, é necessário que os professores tenham uma formação que vá ao encontro dessas ideias. De acordo com Freire (2010, p. 33)

A concepção autoritária, quando nega, castra a expressão do desejo do educando (e do educador); quando defende a passividade, a homogeneidade e doa mecanicamente o conhecimento, faz do educando um mero repetidor de conhecimento e de desejos alheios

ao que seu coração e inteligência sonham. Educa para a morte, pois o desejo e a criação foram soterrados.

Ver e Ouvir o outro são pontos essenciais para a formação desse profissional, pois aprendemos sempre com outras pessoas. As crianças, por sua vez, trazem sempre alguma vivência. Se estivermos abertos para ouvir, poderemos enriquecer o trabalho. Segundo Freire (2010, p. 31):

Instrumental importante na vida do ensinar do educador é o ver (observação), o escutar e o falar. Assim como, para estar vivo não basta só o coração batendo, para ver não basta estar de olhos abertos. Observar, olhar o outro e a si próprio, significa estar atento, buscando o significado do desejo, acompanhando o ritmo do outro, buscando sintonia com este. A observação faz parte da aprendizagem do olhar, que é uma ação altamente movimentada e reflexiva. Ver é buscar, tentar compreender, ler desejos. Através do seu olhar, o educador também lança seus desejos para o outro.

Ainda há muito que se investir junto aos profissionais de Educação Infantil. Assim como fizeram com a realização do Proinfantil, formando os agentes auxiliares de creche em serviço, existe uma nova proposta que é a Escola Paulo Freire (foi criada pela Prefeitura do Rio, por meio da Secretaria Municipal de Educação, com o objetivo de valorizar e capacitar os professores do município do Rio de Janeiro). O objetivo é possibilitar uma formação sólida e continuada nas diversas áreas do conhecimento, atendendo assim às necessidades dos alunos. Para aqueles que realmente se interessem, é uma boa oportunidade de compreender o processo de desenvolvimento integral da criança.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A formação em serviço é um fator significativo na vida do Educador, tanto para a sua reflexão, quanto para a qualidade do ensino. Portanto, tudo que vivi durante os quatro anos em que trabalhei na creche e os três anos de estudo no ISEPS, me fez entender o significado da infância, da brincadeira, do brinquedo, da autonomia. Passei a compreender as fases do desenvolvimento, as etapas evolutivas do desenho, a escrita. Estudei o que descobriram os teóricos como: Piaget, Vigotsky, Madalena Freire, entre outros.

Estamos vivendo em tempos diferentes, porém a criança sempre gostará de brincar, de ouvir histórias, correr, morder, bater palmas, cantar, pular, gritar, dançar e imitar.

Através deste trabalho pude vivenciar, observar e refletir sobre a minha prática; mudei muito o meu olhar para a Educação Infantil e pretendo melhorar ainda mais, pois pretendo continuar a minha pesquisa, estudar e mergulhar nesse universo.

Sobre a prática, poderia ter escrito muito mais, pois a cada dia vivido na creche dá para escrever uma redação, tamanhas são as riquezas de detalhes. Acredito que sobre a matemática observei muito mais do imaginei saber e, no decorrer da escrita, fui constatando o quanto sabia e não tinha noção.

Na creche, convivo com muitas questões que discordo e que, aos poucos, fundamento a minha crítica, como por exemplo: desenhos prontos para colorir, murais com produção dos professores e sem a participação das crianças, pouca importância dada à necessidade de ouvir a criança e de reconhecê-la como protagonista.

Com este trabalho espero ajudar ao profissional de Educação infantil, despertando-o para a importância do olhar e da escuta..

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBOSA, Maria Carmem S. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artes Medicas; 2008.

GUIMARÃES, Daniela. Relações **entre bebês e adultos na creche**: o cuidado como ética: São Paulo: Cortez, 2011.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KAMII, Constance. **A criança e o número**. 26 ed. Campinas: Papyrus, 1999.

NÃO tecido. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%A3o\\_tecido](http://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%A3o_tecido)>. Acesso em nov., 2012.

OLIVEIRA, Zilma, de Moraes Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

RANGEL, Ana Cristina S. **Educação matemática e a construção do número pela criança**: Uma experiência em diferentes contextos sócio-econômicos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1992.

REVISTA DO PROFESSOR: construção do número. Porto Alegre: CPOEC, v. 13, n. 51, jul. 1997.

REVISTA DO PROFESSOR. Porto Alegre: CPOEC, n. 93, Jan/Mar. 2008.

RIO DE JANEIRO. SME - RJ/Gerência de Educação Infantil. **Orientações Curriculares para Educação Infantil**. Rio de Janeiro: SME, 2010. Disponível em: <[http://fig.rio.rj.gov.br/publique/media/Orientacoes\\_Curriculares\\_Net.zip](http://fig.rio.rj.gov.br/publique/media/Orientacoes_Curriculares_Net.zip)>. Acesso em nov., 2012.

VELOSO, Alessandra Regina Braga. Afinal, o que é ser professor. **Revista Criança**, Brasília, p.27, dez. 2008.

VINHA, Telma. **É correto usar a fila dentro da creche?** Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/correto-usar-fila-dentro-creche-618148.shtml>>. Acesso em: 02 jan. 2011.